Eucaristia, Responsabilidade e Partilha*

Marcello de Carvalho Azevedo S.J.

Jesus Cristo, pão partido para um mundo novo é o tema do 42º Congresso Eucarístico Internacional de Lourdes. Este Simpósio Internacional reformulou assim o mesmo tema: *Responsabilidade, Partilha, Eucaristia.*

Somos solicitados a atestar que a fé da Igreja na Eucaristia constitui para os cristãos uma séria exigência de partilha e de responsabilidade, no plano das pessoas, como em escala mundial, em vista da instauração de novas relações internacionais.

Fui convidado a falar em nome da América Latina. O que de mim se espera é um testemunho e um apelo. Agradeço, em nome de meus ir-

* Conferência no Simpósio Internacional de Toulouse (julho 1981). Ver, neste mesmo número, nota anexa à Mensagem dos participantes do mesmo Simpósio.

mãos e irmãs da América Latina, esta ocasião de partilharmos de modo responsável. Tentarei centrar este testemunho e este apelo em torno de três eixos que podem ser mais elaborados no trabalho de grupos: *Eucaristia, Responsabilidade e Partilha,* ao nível da CULTURA, da ECONOMIA e da FÉ.

Eucaristia, responsabilidade e partilha, ao nível da CULTURA.

O conceito de *América Latina,* lançado há muito no México, difundiu-se como uma categoria mental que é prática para os negócios, as ideologias e as relações políticas. Mas, de um ponto de vista cultural e religioso, este conceito é precário. Ele esbate, de maneira enganosa, uma realidade heterogênea e estranha; algo que é difícil captar e mais ainda definir. A América Latina de hoje é a amálgama ainda não consolidada de culturas indígenas autóctonas com a herança de civilizações pré-colombianas, com a dos Incas, no Peru, a dos Maias, na Guatemala e no México, a dos Astecas, no México. Há ainda as culturas africanas, de distinta extração e procedência. Há as culturas ibéricas da Espanha e de Portugal, que conduziram a colonização. Há também outras culturas européias, vindas sobretudo da Itália e da Alemanha, durante os fluxos de emigração do século dezenove e de parte deste século. Há, enfim, a presença mais recente da cultura japonesa, principalmente no Brasil.

Este conjunto tão diferenciado encontra-se, pois, há bastante tempo, em nossos países. Não me refiro, é claro, a técnicos e executivos de empresas transnacionais em nossos dias. Falo das populações que têm origem nos países de nosso continente ou deles fizeram as suas pátrias. Falo de gente que aqui nasceu e tem aqui suas raízes; de tantos que, há pelo menos três ou mais gerações, aqui vieram para aqui ficar, e cujos filhos são parte integrante das nações que somos. Enunciar estes grupos é dar uma idéia da complexidade que represento. Se a ela se junta a influência da modernidade pela via conceitual européia, advinda sobretudo da França e da Alemanha, e o peso da modernização técnica e das exportações culturais da América do Norte, temos um quadro mais completo do que se quer dizer com *América Latina.*

Em quase todos os nossos países, houve uma consciência menos elaborada do que é a nossa *cultura.* Contrariamente aos Estados Unidos, que bem cedo desenvolveram suas próprias instituições e fizeram delas instrumentos poderosos de *enculturação**, nossos países sofreram de uma crise institucional quase permanente e, em conseqüência, de

uma inevitável erosão cultural. Nossa pobreza e dependência política e econômica nos expuseram durante séculos a todas sorte de influências e nos impediram de identificar, reconhecer e fazer crescer nossa própria riqueza cultural. Menos ainda, pudemos integrar, de modo orgânico, muito do que nos trouxeram as várias correntes às quais fiz alusão. Só há pouco começou-se a ter consciência mais explícita seja da base comum latino-americana, seja da considerável diversidade específica de cada país ou grupo de países. Isto se deu na esteira de desdobramentos históricos e sociais ou no quadro de condições geográficas e econômicas determinantes.

A Igreja que por muito tempo fora um dos elementos de neutralização e mesmo de opressão cultural, tornou-se há pouco, em vários países, muito atenta à diversificação e não menos à possibilidade de encontrar certos denominadores comuns, em ordem a fazer amadurecer doravante uma consciência e identidade cultural latino-americana. Nossas duas assembléias episcopais pós-conciliares, a de Medellin (1968) e a de Puebla (1979), foram dois marcos de indiscutível importância em todo o processo. Puebla, sobretudo, mostrou-se sensível à dimensão cultural de nossos povos. Encorajou-se ali o curso que tomara a ação pastoral em vários quadrantes depois do Vaticano II. Puebla ressaltou as comunidades eclesiais de base, como instrumento privilegiado para plasmar uma Igreja e uma sociedade alicerçadas sobre a comunhão e participação como via de construção de uma sociedade justa. Por outro lado, a sensibilidade dos bispos à situação das populações tornou-os mais simples e mais próximos do povo. Eles passaram a fazer da análise da realidade o mais válido ponto de partida metodológico para levá-los a planos de pastoral suficientemente concretos e a uma ação concertada em vista das necessárias transformações das estruturas sociais e eclesiais. Foi por aí que chegaram a conhecer a natureza e os apelos das culturas. Nosso tema, — *Eucaristia, responsabilidade e partilha* — nos recorda, pois, a nós, latino-americanos, a inspiração mesma de nossa vida de fé neste momento: *participação e comunhão.*

O exclusivismo da cultura européia e mediterrânea que tentou edificar a unidade da Igreja sobre a uniformidade dos ritos, da educação do clero e da juventude, e sobre a via jurídica e canônica da organização social da Igreja, trouxe consigo uma perspectiva limitadora da Eucaristia. Seu conteúdo e sua expressão litúrgica em nossos países deveriam ser repensados a fundo, à luz desta redescoberta das culturas latino-americanas e de sua valorização em face também da pressão invasora de uma estranha modernidade.

Tendo bem presentes as dimensões de *Sacrifício*, de *Sacramento* e de *Memorial* na Eucaristia, é sobretudo a realidade de *COMUNHÃO* que deve encontrar sua expressão própria de enraizamento cultural, seja ao nível interior de cada cultura, seja no plano internacional da acolhida e do intercâmbio. Esta comunhão conduz, por primeiro, a uma exigência de *COMUNIDADE*. As comunidades eclesiais de base são, sem dúvida, uma forma de resposta. Mas não devem ser tomadas como única resposta. Urge encontrar outros canais de participação e responsabilidade, de comunhão e de partilha. O mais urgente, a meu ver, é dinamizar e valorizar a *diversidade das vocações na Igreja*. Isto implica edificar uma Igrega verdadeiramente caracterizada pela partilha subsidiária das responsabilidades entre clero e leigos, de acordo com a natureza mesma de suas vocações distintas e das competências que lhes são próprias. Supérfluo dizer que a condição fundamental para aí chegar é, antes de tudo, o crescimento e educação dos leigos na fé e, de outra parte, a confiança recíproca. Só assim vai criar-se o espaço indispensável para uma autonomia relativa dos leigos no seio da Igreja e uma ação mais ampla em relação à partilha e responsabilidade ao nível de suas qualificações humanas e profissionais e de sua presença no mundo.

A Eucaristia seria então o pão consagrado que se torna corpo de Cristo, alimento espiritual dos que crêem. Mas ela se faria também, em toda a verdade, o pão partido, como o foi o próprio Cristo, para a salvação integral do mundo, um mundo novo. Seria, a um tempo, partilha de vida vivida entre os membros da comunidade eucarística e urgência responsável de levar ao mundo a riqueza, a acolhida, a integração e a santificação irradiante de cada cultura, no diálogo mundial das culturas.

Eucaristia, responsabilidade e partilha, ao nível da ECONOMIA.

O mercantilismo europeu foi como que um gonzo entre a Idade Média tardia e o incipiente Renascimento. Foi neste quadro histórico e econômico que a Europa multiplicou suas rotas para outros continentes. Ela ignorou com freqüência, desprezou e, por vezes, até mesmo destruiu, civilizações que haviam crescido fora da tradição ocidental. Para fazer sobreviver suas populações, algumas sociedades autóctonas, muito elaboradas do ponto de vista social e econômico, pagaram o alto preço de sua própria morte cultural imposta pelo "conquistador".

Durante a colonização, a América Latina forneceu à Europa elementos importantes para a criação e o desenvolvimento do capitalismo, que se gestava então como um sistema econômico mundial. O ciclo do ouro, da prata e do cobre, o da cana de açúcar, do algodão e do café, que se foram sucedendo no tempo, tornaram-se fundamentos da dependência crônica que caracteriza nosso continente até hoje, desde a sua entrada em cena.

Depois da independência política de nossos países, sua profunda dependência econômica constituiu a espinha dorsal de outras formas de dominação política, disfarçada, por vezes, opressiva sempre, exercida por potências estrangeiras, mancomunada quase sem exceções com oligarquias nacionais. A invasão do colonialismo econômico pela via das grandes plantações, particularmente a de frutas, na América Central, e de outros produtos agrícolas, nas diferentes regiões , introduziu, a partir do fim do século último, a presença esmagadora de grandes empresas americanas.

Durante este século, a exploração dos minerais de ferro, no Brasil, do petróleo, na Venezuela, e do cobre, no Chile e no Perú, para só mencionar alguns produtos, transformou a América Latina em fonte de matéria prima destinada a nutrir a produção industrial dos países desenvolvidos. Nós mesmos, latino-americanos, permanecemos em nível tecnológico inferior. Depois da segunda guerra mundial, tornamo-nos presas das companhias transnacionais. Elas têm em suas mãos três dimensões importantes de nossa vida econômica: grande parte da prospecção e exploração de matérias primas, sobretudo de recursos minerais; muito da construção da infra-estrutura de nossos países — indústria pesada, portos, grandes vias e macro-projetos de toda espécie —; e, enfim, são elas que orientam e dominam a economia de consumo, determinando por sua conta o tipo e grau de transferência de tecnologias e impondo seus produtos a um mercado monetariamente esgotado pela inflação e culturalmente não preparado à sua sofisticação ou não necessitando dela.

Tudo isto não se faz senão ao preço de um afluxo substancial de capitais que leva a níveis intoleráveis a dívida externa em quase todos os nossos países.

De outra parte, a dependência contínua de nossos mercados de exportação se agrava com toda sorte de protecionismo dos países ricos. Ele asfixia, pela imposição de preços ou de taxas à importação, a cir-

culação livre de nossos produtos e suprime, pelo fato mesmo, o único meio de atenuar nossa dependência.

Mais recentemente, a crise internacional do petróleo, desencadeada em 1973 pelos países da OPEP e agravada pelas grandes companhias petrolíferas, abateu-se sobre a maioria dos países latino-americanos, que não têm recursos abundantes de petróleo. A crise do petróleo é uma fonte de agravamento da dependência econômica e uma barreira ao equilíbrio da importação/exportação. Inflação e dívida externa conspiram assim para sua auto-realimentação e nos mantêm no círculo vicioso da dependência, tornada insuportável e manifestamente incontornável, nos termos em que está posto o mundo.

Eucaristia, responsabilidade e partilha nos aponta para a exigência de uma nova ordem internacional. É claro que não devemos misturar as cousas. Não se pode ser ingênuo face à racionalidade anônima dos métodos de decisão política e econômica que, no entanto, têm engedrado sempre situações mais desumanas. Este quadro em um mundo cada vez mais interdependente postula uma opção radical de participação, caminho único a tornar viável a partilha. Eucaristia, pão partido para um mundo novo, nos urge ao empenho coerente e sério por um mundo onde todos possam ter acesso à mesa comum e desfrutar fraternalmente de suas riquezas. As ideologias que polarizam o mundo atual, ancoradas como estão no equilíbrio da tensão e do medo, mantido pelas armas, se acham totalmente fora desta perspectiva.

Incumbe-nos a nós, cristãos de hoje, ter esta reserva de esperança contra toda esperança, para levar ativamente o mundo dividido e a humanidade dilacerada para além de seu horizonte estreito. A nós, ser presença eficaz e tentar construir uma comunidade internacional enraizada na participação de todos os países e não na dominação de uns pelos outros. Ultrapassar uma concepção puramente particular e intimista da Eucaristia torna-se,pois, para nós um desafio de imenso alcance, desafio do qual este Simpósio quis precisamente fazer-se eco em escala mundial.

Eucaristia, responsabilidade e partilha, ao nível da FÉ.

A uniformidade, como base da unidade católica, resultado efetivo da Contra-Reforma, impôs às diversas regiões do mundo o rigor homogêneo de uma liturgia e de uma expressão ritual e simbólica, ao preço do sacrifício de seu passado e de aspirações muito vivas de seus povos.

Esta mesma uniformidade iria se traduzir pela organização institucional da Igreja por toda a parte do mundo, assim como pela formação do clero, baseada em um modelo exclusivo e não raro inadequado. Poder-se-ia dizer que uma tal concepção eclesial garantia antes uma fidelidade sociológica às expressões da fé do que uma fidelidade teológica ao conteúdo e à vida de fé.

Esta uniformidade foi ainda reforçada pela estrutura e modo de agir das Ordens e Congregações religiosas, que tornavam mais homogênea e mais européia a influência da Igreja, seja pela formação de seus membros, seja pelo gênero da educação que em suas escolas ofereciam.

Foi só recentemente que a Igreja, em vários países da América Latina, se deu conta de sua situação de estrangeira em relação ao povo, de sua condição elitista e minoritária e, em alguns casos concretos se poderia acrescentar, de ser instrumento mesmo de alienação cultural deste povo.

Estamos hoje diante deste desafio fundamental lançado à Igreja universal e a cada uma das igrajas locais: *como construir a unidade da fé sobre a diversidade real e aceita de suas expressões vividas?* A resposta a este desafio deve fazer-se antes de tudo pela purificação dos conteúdos reais da fé, purificação que possa ajudar ao seu aprofundamento pessoal e comunitário na vida de todos os povos. Isto pede uma volta às fontes de nossa fé, para identificar os elementos verdadeiramente fundamentais. Estes se reconhecem porque, profundamente humanos em seu desígnio divino, podem deixar-se traduzir e viver de modo muito diverso na realidade concreta de qualquer latitude, sociedade ou cultura. De outro lado, é necessário também renunciar à idéia de ter que antes destruir ou desfigurar as realidades culturais, como se isto fosse condição prévia para nelas introduzir os conteúdos da mensagem cristã. É exatamente o contrário. É necessário partir das realidades tais como elas existem. É aí que se poderia detectar as sementes de Deus e respeitá-las, intuindo nelas a esperança diuturna e silenciosa de tantas gerações, única a tornar possível a acolhida da fé. Só por aí se chegará, de fato, a ajudar às pessoas e aos grupos humanos a se encontrarem na alegria de uma fé viva e a partilharem a vida e a mensagem libertadora de Jesus Cristo.

Contrariamente ao que fez no passado, a Igreja deve tornar-se sempre mais atenta aos homens e mulheres de todos os países e grupos sociais. Por sua própria *inculturação* ela se esforçará por ser inteiramen-*

te fiel à mensagem cristã, respeitando, porém, a especificidade da realidade cultural na qual ela se insere. Algumas vezes ela virá a ser instrumento benvindo de reorientação da cultura que a acolhe. Quase sempre, ela deverá ajudar a cultura a caminhar para além dos limites de seu próprio horizonte. Este tipo de diálogo e de relacionamento não se fará primordialmente através de idéias ou de doutrinas. É sobretudo a linguagem e a força do amor, a experiência vivida de comunhão, de partilha, de participação responsável, que levará as pessoas e os grupos de uma cultura à descoberta de valores perdidos, distorcidos ou esquecidos ao longo da própria tradição cultural, bem como à acolhida de valores novos e libertadores que a fé cristã lhes oferece.

É exatamente sob este aspecto que a compreensão deste sacramento central deve necessariamente transcender a significação ritual, as limitações prescritivas e o tom empobrecedor de certas interpretações teológicas, para que a Eucaristia possa tornar-se sacramento fecundo da presença comunitária. Ela não poderá compreender-se sem uma abertura sobre os outros em todos os níveis da vida social dos homens.

É por aí que a Eucaristia se torna para a Igreja o convite responsável ao sacrifício de muitos traços institucionais, ligados à estreiteza de um tempo e de um espaço, às mentalidades e às ideologias, e que se revelam, não raro, serem barreiras que impedem esta verdadeira comunhão e esta partilha generosa. A Eucaristia deve tornar-se para a Igreja institucional a fonte, na fé, de uma profunda liberdade interior e, ao mesmo tempo, o fundamento inconcusso da certeza na fé e no amor, de que a unidade é possível na diversidade.

Que no nosso mundo de comunicação instantânea e de transormações tão rápidas, um mundo que levou o homem a conhecer bem os seus valores e os seus limites, a Igreja possa tornar-se um entroncamento fecundo de encontro das individualidades culturais e sociais, que, sem renunciar à sua identidade, possam enriquecer-se a si mesmas pela acolhida da fé. De outro lado, que, permanecendo fiéis ao melhor de si mesmas, as diferentes sociedades humanas possam enriquecer a Igreja universal no seu caminhar na história para uma plenitude diversificada de sua unidade profunda.

* As duas palavras *"enculturação"* e *"inculturação"* são empregadas aqui num sentido técnico. *"Enculturação"*, um termo do vocabulário da antropologia cultural, significa o processo pelo qual uma pessoa se insere na sua própria cultura (Ver M.J.Herskovits, *Man and His Works,* New York, 1952,

p. 39; R. Konig, *Sociologia,* Paris, Flammarion, 1972, p. 54). *"Inculturação"* é um neologismo da antropologia teológica que se está propondo à aceitação da comunidade teológica, no sentido preciso de inserção da mensagem cristã em uma cultura (Ver Ary A. Roest Crollius, *What Is So New About Incuturation. A Concept and its Implications,* em Gregorianum 59 (1978) 721-739). É necessário distinguir *"enculturação"* e *"inculturação"* do vocábulo *"aculturação"*. Este significa o conjunto de transformações que resultam do contato direto entre duas culturas ou entre uma pessoa e uma cultura que não é a sua própria. P. Marcello Azevedo apresentou um estudo sobre "Inculturation and the Challenges of Modernity" ao Seminário Internacional e Interdisciplinar sob Inculturação, organizado pela Universidade Gregoriana, pelo Instituto Bíblico e Instituto Oriental, todos de Roma, e que teve lugar em Jerusalém, do dia 16 a 26 de Junho de 1981. Os elementos fundamentais de seu trabalhos foram publicados em português pelas Edições Loyola, sob o título "Cristianismo e Modernidade. Os desafios à inculturação", em setembro de 1981. Neste livro, desenvolvem-se alguns aspectos apenas aflorados pelo autor nesta sua palestra no Simpósio de Toulouse.